opusdei.org

Bem-aventuranças (8) - Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça”

O Papa Francisco concluiu na quarta-feira, 29 de abril, o ciclo de catequeses dedicado às Bem-aventuranças, comentando a última delas. Recordou que nas perseguições "há sempre a presença de Jesus que nos acompanha, a presença de Jesus que nos consola e a força do Espírito que nos ajuda a seguir em frente".

29/04/2020

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Com a audiência de hoje concluímos o percurso das bem-aventuranças evangélicas. Como ouvimos, na última proclama-se a alegria escatológica de quantos são perseguidos por causa da justiça.

Esta bem-aventurança anuncia a mesma felicidade da primeira: o reino dos Céus pertence aos perseguidos, assim como aos pobres em espírito; portanto, compreendemos que chegamos ao fim de um percurso unitário desvendado nos anúncios precedentes.

A pobreza de espírito, o pranto, a mansidão, a sede de santidade, a misericórdia, a purificação do

coração e as obras de paz podem levar à perseguição por causa de Cristo, mas no final esta perseguição é motivo de alegria e de grande recompensa nos Céus. A vereda das bem-aventuranças é um caminho pascal que conduz de uma vida em conformidade com o mundo para a vida segundo Deus, de uma existência guiada pela carne — isto é, pelo egoísmo — para a vida orientada pelo Espírito.

Com os seus ídolos, os seus compromissos e as suas prioridades, o mundo não pode aprovar este tipo de existência. As “estruturas de pecado” (cf. *Discurso aos participantes no simpósio “Novas formas de fraternidade solidária, inclusão, integração e inovação”*, 5 de fevereiro de 2020: 'A idolatria do dinheiro, a ganância e a corrupção são todas “estruturas de pecado” - como João Paulo II as definiu - causadas pela “globalização da

indiferença”'), frequentemente produzidas pela mentalidade humana, tão alheias ao Espírito da Verdade que o mundo não pode receber (cf. *Jo* 14, 17), não podem deixar de rejeitar a pobreza, ou a mansidão, ou a pureza, declarando que a vida segundo o Evangelho é como um erro e um problema, portanto como algo a marginalizar. O mundo pensa assim: “Eles são idealistas ou fanáticos…”. É assim que eles pensam.

Se o mundo vive em função do dinheiro, quem quer que demonstre que a vida pode ser vivida no dom e na renúncia torna-se um incómodo para o sistema de ganância. Esta palavra “incómodo” é fundamental, pois só o testemunho cristão, que é tão bom para tantas pessoas porque o seguem, incomoda aqueles que têm uma mentalidade mundana. Vivem-no como uma repreensão. Quando se manifesta a santidade e sobressai a

vida dos filhos de Deus, em tal beleza há algo de incómodo que exige uma tomada de posição: ou deixar-se questionar e abrir-se ao bem, ou rejeitar aquela luz e endurecer o coração, até à oposição e à obstinação (cf. *Sb* 2, 14-15). É curioso, chama a atenção ver como, nas perseguições dos mártires, a hostilidade cresce até à obstinação. É suficiente considerar as perseguições do século passado, das ditaduras europeias: como se chega à obstinação contra os cristãos, contra o testemunho cristão e contra a heroicidade dos cristãos.

Mas isto demonstra que o drama da perseguição é também o lugar da libertação da submissão ao sucesso, à vanglória e aos compromissos do mundo. Do que se alegra quem é rejeitado pelo mundo por causa de Cristo? Regozija-se por ter encontrado algo que vale mais do que o mundo inteiro. Pois, “de que

servirá ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua vida?" (*Mc* 8, 36). Que vantagem há nisto?

É doloroso recordar que, neste momento, há muitos cristãos que padecem perseguição em várias partes do mundo, e devemos esperar e rezar para que a sua tribulação seja impedida o mais rapidamente possível. Há muitos: os mártires de hoje são mais numerosos do que os mártires dos primeiros séculos. Manifestemos a nossa proximidade a estes irmãos e irmãs: somos um só corpo, e estes cristãos são os membros ensanguentados do Corpo de Cristo, que é a Igreja.

Mas devemos ter também o cuidado de não ler esta bem-aventurança numa perspetiva de vitimismo, de autocomiseração. Com efeito, o desprezo pelos homens nem sempre é sinónimo de perseguição: logo

depois, Jesus diz que os cristãos são o "*sal da terra*", e alerta contra o perigo de "perder o sabor"; caso contrário, o sal "para nada mais serve, a não ser para ser lançado fora e pisado pelos homens" (*Mt* 5, 13). Portanto, existe também um desprezo que é por nossa culpa, quando perdemos o sabor de Cristo e do Evangelho.

É preciso ser fiel à senda humilde das bem-aventuranças, pois é isto que leva a ser de Cristo e não do mundo. Vale a pena recordar o itinerário de São Paulo: quando se julgava justo, na realidade era um perseguidor, mas quando descobriu que era um perseguidor, tornou-se um homem de amor, enfrentando com júbilo os sofrimentos da perseguição que suportava (cf. *Cl* 1, 24).

A exclusão e a perseguição, se Deus nos concede a graça, tornam-nos semelhantes a Cristo Crucificado e, associando-nos à sua Paixão, são a

manifestação da vida nova. Esta vida é a mesma de Cristo, que por nós homens e pela nossa salvação foi "desprezado e rejeitado pelos homens"(cf. *Is* 53, 3; *At* 8, 30-35). Aceitar o seu Espírito pode levar-nos a ter tanto amor no nosso coração, a ponto de oferecermos a vida pelo mundo, sem ceder a compromissos com as suas falácias e aceitando a sua rejeição. Os compromissos com o mundo são o perigo: o cristão é sempre tentado a ceder a compromissos com o mundo, com o espírito do mundo. Esta — rejeitar os compromissos e seguir o caminho de Jesus Cristo — é a vida do Reino dos Céus, a maior alegria, a verdadeira felicidade. Além disso, nas perseguições há sempre a presença de Jesus que nos acompanha, a presença de Jesus que nos consola e a força do Espírito que nos ajuda a seguir em frente. Não desanimemos quando uma vida coerente com o Evangelho atrai as perseguições das

pessoas: há o Espírito que nos ampara neste caminho.

---

pdf | Documento gerado automaticamente de https://opusdei.org/pt-br/article/felizes-os-que-sao-perseguidos-por-causa-da-justica/ (02/12/2025)